

A DESCIDA  
de Júlio Emílio Braz

*Nos barracos da cidade  
ninguém mais tem ilusão  
no poder da autoridade  
de tomar a decisão  
e o poder da autoridade  
se pode não faz questão  
se faz questão não consegue  
enfrentar o tubarão.*

NOS BARRACOS DA CIDADE  
Gilberto Gil e Liminha

Há algum tempo que o tempo vinha fechando pro nosso lado, e o pai sabia disso.  
Mas pra onde ir?  
Pai pegava pesado, mas cadê grana?  
Não tinha grana pra alugar casa na cidade. Nem meia-água. Grana pouca. Pai  
pegando trabalho de dia, biscate à noite. O que pintasse pra tirar a gente daqui de cima  
- Morro não é lugar pra criar filho, não, mulher - vivia repetindo pelos cantos,  
cachaça na cara, raiva na vontade de tentar e não conseguir e de procurar e não encontrar.  
- Aqui moleque vira bandido por qualquer merreca e acaba na vala!  
Ele não queria ver a gente misturado com *coisa ruim*. Nem papo. Conversa fiada.  
- Sabe como é que é, não? Pinta a conversa, oferta e olha o moleque cheirando e  
virando *avião* de traficante!  
Minha mãe apenas ouvia, melancolia nos olhos, dor guardada pra ela mesma, lá no  
fundo, ou escondida do pai durante a noite sem dormir, chorando, os olhos presos na frágil  
segurança da porta do barraco.  
Não dizia, mas tinha medo. Pedia cuidado. Chorava e pedia pro pai falar menos.  
Dizia que seria melhor cuidarmos da nossa vida e esquecer o resto. Não ver. Não ouvir.  
Não falar.  
- Ninguém tem amigo aqui em cima, homem - repetia e repetia, aflita, preocupada,

com medo de tudo por quase nada.

- Apenas olhos que vigiam, que ficam espiando nas gretas do barraco, pelos becos, vigiando tudo.

A mãe sabia o que estava dizendo. Via. Mais do que isso, enxergava e enxergava longe. Mesmo no tanque, ralando os dedos no tanque, se envenenando com aquele sabão em pó forte que deixava a gente mais tonto do que qualquer outra coisa, mais do que cola de sapateiro, ela via as coisas. Gente morrendo. Gente sumindo. Barraco pegando fogo porque alguém deu com a língua nos dentes, falou demais ou chegou perto demais do posto policial lá embaixo, na entrada da favela, bem longe das balas e de nossos problemas.

Ela conhecia alguns daqueles mortos que o *rabecão* vinha buscar de vez em quando aqui em cima. Tinha um amigo, ou um parente entre eles. Quase todo mundo tinha.

A mãe falava porque sabia que a vida é fogo no vento, qualquer um pode apagar, não dura se você abusar.

Mas o pai não ouvia. Ele preferia sonhar. Ficava subindo e descendo o morro fazendo planos, errando e não admitindo seus erros, falando de vida melhor, de vida decente noutro lugar onde a gente pudesse brincar sem o medo das balas, da morte subindo e descendo o morro, sem polícia derrubando barraco, sem bandido viciando os filhos dos outros, *barbarizando* menininha pelos cantos sem os pais sequer abrirem o bico para reclamar.

Há muito tempo que a gente vinha dizendo que o pai estava *prometido*, que os donos do morro andavam aborrecidos com ele, que ele ficava pelos barracos e nas biroscas falando bobagem, *deitando falação* e querendo cantar de galo em terreno alheio. Todo mundo vinha pedindo pra ele *segurar*, não *pegar tão pesado* que tinha gente - e gente graúda - no morro *jurando* ele, que ele podia acabar *queimado*.

- Tão cantando seu ponto, cara - alertou o Dá-pra-dois, dono da biroscas, preocupado. - Manera, meu bom, manera. Manera que tu num sabe o que tão armando pra ti...

Meu pai fincava pé e não se dava por achado. Tinha a razão e a justiça do seu lado. A mãe apenas chorava e se preocupava. Acordava com os olhos inchados, rodeados por grandes olheiras. Aquilo não era vida. Inferno.

Já não bastava o medo da polícia?

A chuva forte jogando pedra e lixo sobre os barracos não eram suficiente?

O frio de julho soprando forte pelas gretas?

Já não bastava a falta de dinheiro no mês cada vez mais comprido?

O pai tinha que buscar encrenca com o dono do morro...

Ele não ouvia. Pior. Ficava falando mais, tirando o sossego da mãe, fazendo ela chorar mais e mais. À medida que o tempo passava, ficava mais difícil ele nos levar para aquela casa bonita lá embaixo, na cidade, mas ele falava, mexia, implicava. Todo mundo dizia à boca pequena que o pai estava procurando. Que ia acabar encontrando.

Não adiantava o seu Dá-pra-dois falar, a mãe chorar, eu e minha irmã reclamar.

Ele continuava falando e, quando enchia a cara, ficava pior. Estava machucado pela cidade, que não lhe dava sequer o direito de oferecer um pouco mais a sua família, além de lhe tirar quase tudo, a começar pelas esperanças. O pai perdia o medo e a vontade de viver, tudo ao mesmo tempo.

Desandava a falar, a desacatar o dono do morro, com mais valentia do que juízo. Fiando-se na proteção enganosa do DPO, na discursória dos políticos que prometiam mundos e fundos quando subiam o morro com uma bica de água na mão, dizia mais do que

fazia, falava mais do que acreditava e aborrecia todo mundo.

Tinha sempre alguém pra cochichar no ouvido do dono do morro, pra contar tudo, tintim por tintim, bagunçando com seu pai. Não se falava outra coisa no morro. As vizinhas apareciam de quando em quando, enchendo minha mãe de e com seus conselhos. Diziam isso, diziam aquilo, mas todos concordavam que devíamos descer o morro, ir pa longe, fugir dos traficantes, principalmente do Marimba, o dono do morro.

Minha mãe apenas chorava. Brigava, xingava, mas quase sempre apenas chorava, como se, o que quer que esperasse por nós amanhã ou depois, fosse inevitável. Como se não houvesse alternativa para nós.

E a gente sabia que tinha alguma coisa de muito ruim se aproximando de nossa casa, de nossa vida. Dava pra sentir. No ar. No silêncio e na pena com que os outros olhavam pra gente. No modo como nos evitavam. No desaparecimento de nossos amigos e dos outros meninos e meninas com que eu e minha irmã brincávamos.

De repente, tudo ficou muito só e perigoso.

Ninguém queria ficar perto da gente. Todos fugiam de nossa proximidade e de nossa amizade, como se tivéssemos coisa ruim. Como se a gente tivesse... tivesse... tivesse...

Morrido?

- Ceis tão numa roubada! - vez por outra aparecia alguém dizendo à boca pequena esgueirando-se e nos arrastando pros cantos, pra trás dos barracos, pra dizer o que já sabíamos e o pai teimava em não acreditar.

- Pelo amor de Deus, desce, comadre, desce...

A minha mãe ouvia e calava. Ouvia e fingia que nada estava acontecendo. Esperava a noite chegar para chorar miudinho na cama, enquanto o pai dormia o pesado sono da confiança inabalável... Embora nenhum de nós soubesse em que ele confiava tanto ou porque confiava tanto.

A mãe ainda tentou argumentar. Queria nos tirar do morro. Pretextou uma visita a nossa tia em Santa Cruz. Desesperada diante da insistência insana do pai, ela teimou. Os dois quase brigaram. Xingaram-se, e tanto um quanto o outro se chamou por nomes bem feios e bem alto.

- Vamos ver - foi o máximo que ela conseguiu tirar dele, uma promessa ambígua que se perdeu no esquecimento de uns poucos dias de tranquilidade.

Incerta calma.

A tempestade não estava longe.

Cada um de nós, menos o pai, é claro, sabia que ela viria mais cedo ou mais tarde. O pai estava perdido. Marimba andava zoando ameaças aos quatro ventos e tinha gente sua filmando o nosso barraco. Eles viriam cedo ou tarde, e nosso pai alimentando seus sonhos de dignidade suburbana e de nos transformar em mauricinhos, coisinhas bonitinhas.

O pai era um homem muito bom, mas vivia mais para seus sonhos, galopando-os por estradas cada vez mais longas e irreais. Atrás de seus moinhos de vento.

Eles vieram numa noite fria e chuvosa. A sola do tênis e das botas grudando na lama, fazendo-a estalar sinistramente. O cachorro do vizinho começou a latir sem parar. Luzes morreram, rapidamente apagadas, na escuridão amedrontada de quem sabia o que estava pra acontecer.

- O que é isso, seus...? - o pai nem teve tempo de xingar quando eles, vultos assustadores na escuridão tempestuosa, arrombaram a porta do barraco e entraram atirando. As balas pegaram ele muitas vezes e o arremessaram com força de volta à cama, numa poça

de sangue.

- Tu falou demais, malandro!

A sentença de morte elevou-se rapidamente ao crepitar ensurdecedor das armas. O clarão alaranjado das armas repetidamente disparadas e o lampejo brilhante de um relâmpago iluminaram aquelas sombras implacáveis. Marimba estava entre eles.

- Pelo amor de Deus, as crianças não! - a mãe só se preocupou com a gente. Morreu depressa, a sua voz diluindo-se nos palavrões gritados com muita raiva, na confusão provocada pelo estrondar dos trovões e das armas.

Nem tive tempo de chorar ou de sentir medo. Agarrei a minha irmã pela mão e corri pra porta.

- Não chora, não! - foi só o que consegui dizer.

Alguém tentou me chutar. Eu saltei pro lado. Choquei-me contra minha irmã e nós dois rolamos pela lama que escorria pelo beco. Rolamos. Gritamos. Rolamos. Gritamos. Umas balas passaram zunindo. Os tiros soaram atrás de nós, fazendo a minha irmã chorar e chamar pela mãe.

- Larga eles, seus covardes! - berrou alguém, entrincheirado atrás da porta de um dos barracos, num misto de indignação e medo.

Mais tiros. Dava pra sentir o medo e a morte se esfregando na gente quando corremos pra baixo, sempre pra baixo, pra bem longe.

Medo. Medo. Medo.

Vontade louca de chorar.

Pessoas escondiam-se.

Passos estalavam, apressados, na lama. Eles estavam atrás de nós. O pai e a mãe estavam mortos.

Eu e minha irmã estávamos por nossa conta. Estávamos sozinhos.

Descendo, sempre descendo. Nem sabíamos pra onde íamos ou corríamos.

Fugíamos. Marimba não estava longe. Os passos. Os gritos. Eu e minha irmã morrendo de medo, sujos de lama, socando as portas dos barracos, implorando por ajuda, proteção.

- Fora!

- Vão embora!

Ninguém abriu e, quando a porta era aberta, o era apenas para sermos empurrados pra longe pelo medo daquela gente que nos olhava com hostilidade e raiva nos olhos.

- Por que vocês não morreram de uma vez? - perguntou a Edineuza, desesperada. - Agora eles vão barbarizar pra cima da gente, invadindo barraco, quebrando tudo atrás de vocês!

Vergonha.

Contrariedade.

Ódio.

Medo.

Os sentimentos mais estranhos e inesperados apareciam diante de nós, em nossos caminhos. As pessoas fugiam. Escondiam-se. Umas gritavam assim que nos viam, e chamavam Marimba pra nos pegar. Aprendemos bem depressa que estávamos completamente sozinhos, que não tínhamos amigos e sim muitos inimigos para onde quer que corrêssemos.

A chuva caía. Minha irmã tirintava de medo e de frio. Agarrava-se a mim como se eu fosse grande coisa, como se eu também não estivesse tremendo, morrendo de medo.

- Fica fria, mana. Vai acabar tudo bem - prometia.

Paramos de correr. Nos escondemos atrás de um barraco, procurando fugir da chuva que caía forte e da lama que escorria em torrentes escorregadias e ameaçadoras do alto do morro.

Foi pior.

Sentimos a falta do pai e da mãe. Lembramos como eles morreram. Tiros. Sangue. Ódio no rosto de Marimba. Os vultos se esgueirando pela escuridão, atirando, xingando, cada vez maiores e assustadores.

Abraçamo-nos com força. Choramos desesperadamente.

Alguém ouviu o choro e uma janela se abriu. Iluminou eu e minha irmã. A velha ficou parada olhando pra nós com dó nos olhos durante um bom tempo. Nem ela nem nós disse ou fez qualquer coisa. Ficou apenas se olhando, pensando, esperando. Nada aconteceu. Ela apenas fechou a janela e voltou bem depressa pra vida dela, que era o melhor a se fazer com o Marimba descendo o morro com sua gente.

Dava pra ouvir. O barulhão das portas arrombadas. Os gritos apavorados. Gente amedrontada suplicando por tudo e por qualquer coisa, implorando para ser deixada em paz. Nada mais.

Senti que eles não estavam longe. O clarão repentino das chamas que começaram a tomar conta de um dos barracos iluminou a noite. Marimba estava com raiva, e todo mundo pagaria.

A chuva caía. Trovões estrondeavam pavorosamente, aumentando o medo que sentíamos. De vez em quando, o lampejo brilhante de um relâmpago varava o céu enfarruscado e iluminava a cidade lá embaixo, grande fantasma, cada vez mais próxima.

- Vamos, mana! - gritei, puxando minha irmã para fora da segurança precária de nosso refúgio.

- Não.

Ela não quis. Continuou agachada, abraçada às pernas, choramingando, e eu tentando convencê-la a vir comigo.

- O Marimba vem aí - repetia. Insistia. Ela continuava tremendo, assustada, desorientada, satisfeita com aqueles minutinhos de paz, de não ter que fugir, correr, se esconder...

- Eles esquecem a gente. Você vai ver, você vai ver...

Ela queria acreditar. Queria ficar. Tinha medo de continuar correndo e não chegar a nenhum lugar. Eu também.

Não tinha ninguém nos esperando lá embaixo, além do pouco-caso dos PMs do DPO e da indiferença hostil da cidade.

Talvez a gente pudesse ir morar com a tia em Santa Cruz, mas e se ela não nos aceitasse? Ela tinha sete filhos. Não sei se aguentaria mais dois para alimentar, vestir e aturar. Eu não sabia de nada. Tinha tanto medo quanto minha irmã, mas não queria morrer.

Eu vira a morte bem de perto e ela me apavorou. Não, eu não queria morrer. Ia correr até não aguentar mais, talvez um pouco mais, mas não ia morrer, deixar que me matassem.

Irritado, puxei-a com força e a arrastei comigo. Ela começou a gritar e espernear. Dei um tapa nela e gritei, gritei com muita raiva e muito medo.

- Cala a boca!

Meu grito sumiu no meio de uma grande gritaria que desceu do morro com a gente do Marimba, logo depois que um deles nos viu e começou a gritar...

- Eles estão ali! Ali! Ali! Ali!

Corri. Arrastei minha irmã comigo. Eles vieram atrás de nós, gritando e atirando, ameaçando e atirando ainda mais.

Uma bala explodiu na parede de um barraco. Lascas de madeira voaram no rosto de minha irmã e ela começou a chorar e a esfregar os olhos furiosamente, fora de si.

- Meus olhos! Ai, meus olhos! - berrava, tropeçando nas próprias pernas e finalmente esparramando-se no chão.

Caí com ela. Rolamos pelo chão mais uma vez, arrastados pela torrente de água e lama que corria pelo beco escuro abrindo sulcos cada vez mais profundos no chão. Apavorados, olhamos para a frente e a noite impenetrável escancarou-se para nós como a boca de um monstro apavorante. Podíamos estar indo para qualquer lugar, para perigo maior.

E se despencássemos de uma ribanceira?

Era quase sempre lá que as águas da chuva terminavam, em cachoeiras de água suja e malcheirosa. Era de lá que os indesejáveis eram atirados pela gente do Marimba.

Agarrei-me à cerca de madeira de um barraco. Ela cedeu um pouco, mas aguentou a força da água. Minha irmã abraçou-se com força e desespero a mim. Não conseguia gritar sem que sua boca se enchesse de água e lama.

Arrastamo-nos. Engatinhamos para um beco. Voltamos sobre os nos nossos passos, assustados, fugindo de um cachorro que se materializou de um momento para o outro na escuridão à nossa frente e rumou para nós, latindo, rosnando, querendo um pedaço de nós.

Corremos. Os gritos e latidos soando e se misturando em nossos ouvidos. Entramos e saímos de becos. Escorregamos e agarramo-nos um no outro para não cair, presas fáceis dos dentes do cachorro correndo em nossos calcanhares. Saltei uma cerca e puxou minha irmã de um jeito que eu não sei como, mas seguramente com muito medo. Peguei um pedaço de pau que se desprendera da cerca e, quando o cachorro saiu da escuridão com a boca arreganhada, seus caninos refletindo a luminosidade brilhante e repentina de um relâmpago, acertei a cabeça dele. Com força. Com raiva. Sabendo que, se errasse ou batesse devagar, ele nos pegaria.

O cachorro ganiu e recuou, cambaleando, tropeçando pra dentro da escuridão de onde saiu.

Sumiu como um fantasma, como se jamais tivesse existido. Loucura.

Olhei para o pedaço de pau manchado de sangue e uma sensação nova e tranquilizadora perpassou meu coração. Ele bateu mais forte e senti uma certa segurança quando meus dedos se estreitaram confiantemente em torno do pedaço de pau.

Eu tinha uma arma. Já não estava mais indefeso. Não a larguei mais.

Rumamos para dentro da escuridão protetora de vielas cada vez mais estreitas e lamacentas. Muitas vezes, andávamos acorados, chafurdando na lama, patinando nas valas malcheirosas, apoiando-nos nas paredes dos barracos, ouvindo vozes amedrontadas soarem bem baixinho dentro deles.

Cansados. Ensoados pela chuva forte e persistente. Enlameados.

Pensei em Dá-Pra-Dois. Pensei que ele poderia nos ajudar. Um pouco, mas podia. Ele e o pai tinham sido amigos durante quase toda a vida. Cresceram juntos no morro. Se havia alguém em quem ainda podíamos confiar era nele. Ele nos ajudaria na descida pra cidade e talvez, sem ninguém saber, pudesse até encontrar alguém que nos escondesse por algum tempo.

Corremos para a birosca dele. Olhando para trás, vimos outro barraco pegando fogo. Marimba estava realmente bem irritado.

Gritos e choros desesperados soavam de maneira breve e longínqua.

Tinha mais gente sofrendo por nossa causa.

Batemos na birosca várias vezes antes da porta se abrir e Dá-Pra-Dois pôr a cabeça pra fora por uma aberturazinha de nada.

Ele se assustou.

- Garotos, garotos, o que vocês estão fazendo aqui? - perguntou apreensivamente, olhando de um lado para o outro.

- Precisamos de sua ajuda, Seu Dá-Pra-Dois - disse, arquejando, cansado, com medo de ele também fechar a porta na cara da gente. - Eles querem pegar a gente!

Ele hesitou por um instante. Olhou pros lados. Olhou para o alto do morro. Pros barracos em chamas. Tornou a olhar pra nós. Abriu um pouco mais a porta e fez sinal para que entrássemos. Entramos e ele tirou o cobertor que carregava sobre os ombros e colocou sobre os nossos. Encaminhou-se para a porta. Quando eu fui atrás dele, perguntando aonde ele ia, Dá-Pra-Dois virou-se e respondeu:

- Fiquem aqui que eu vou ao DPO tentar trazer os PMS pra ajudar vocês a ir lá pra baixo.

Não gostei dos olhos dele. Tinha medo neles, muito medo.

Quando ele saiu, fui para a porta. Empurrei um pouquinho, só um pouquinho, e abri uma greta para olhar. Vi Dá-Pra-Dois subindo o morro com pressa. Recuei, assustado. O DPO era noutra direção. Ele corria para cima. Para o Marimba.

Agarrei a mão de minha irmã e corri para fora. Deixei as perguntas dela sem resposta e me agarrei ao pedaço de pau com desespero. Não podia contar com mais nada além dele. O Dá-Pra-Dois não ia demorar. Voltaria com o Marimba e sua gente.

Corremos.

Relâmpagos iluminaram a cidade lá embaixo. Ela nunca me pareceu tão distante. Senti que tinha lágrimas nos olhos. Não, não era desespero. Desesperado eu já estava há muito mais tempo e ainda não tinha chorado por causa disso. Era de decepção. Era por causa de Dá-Pra-Dois.

Chorei...

Atiraram de novo na gente. Corremos para outro lado. Invadimos um barraco, passando por cima das pessoas que acordaram gritando, desesperadas, cobrindo-se, saindo da frente de nossos perseguidores que iam entrando e derrubando tudo e todos que encontravam pela frente. Saímos pela janela. Eu caí e, ainda caído, vi um vulto inclinar-se em minha direção. O lampejo cegante de um relâmpago refletiu-se no cano de uma pistola muito bonita e fez o vulto proteger os olhos com o braço.

Acertei-lhe a perna com uma paulada e, quando ele caiu, bati de novo e de novo. Corri. Minha irmã caiu e eu a arrastei pelo chão. Ela começou a chorar, eu a xinguei. Puxei-a para cima com raiva e me senti meio culpado diante de seus joelhos e braços esfolados, o sangue misturando-se com a lama.

Apareceram outros vultos, sombras ferozes. Gente de Marimba, Dá-Pra-Dois nos entregou bem depressa. Estávamos cercados. Por falta de opção, corremos pra lá, pra cá, pra qualquer lugar. Mudando toda hora de direção, com o coração na mão. Afundando na lama, o peito ardendo, sentindo falta de ar. Minha irmã não conseguia parar de chorar e eu não tive coragem de gritar com ela.

Mais tiros. Palavrões e ameaças. Escondemo-nos junto à parede de um barraco de dois daqueles vultos passaram a centímetros de nós. Pude até sentir o calor do hábito de um deles em meu rosto. Não consegui parar de tremer. Quando um terceiro vulto entrou no

beco e começou a se aproximar, sorrateiro, desconfiado, corremos na direção dele e o derrubamos. Ele começou a gritar, caído no chão, rolando, procurando agarrar minhas pernas. Dei-lhe uma paulada na mão e desci o beco correndo, olhando para trás, querendo ter certeza de que nem ele nem os outros nos seguiam. Quando me virei novamente, deparei com Dá-Pra-Dois e Marimba parados na nossa frente.

- Meu Deus...

Ágil e gritando desesperadamente, minha irmã desvencilhou-se das mãos de Dá-Pra-Dois e passou correndo, acocorada, debaixo das pernas dele. Sumiu na escuridão. Ele se desequilibrou e esparramou-se de costas na lama.

- Dedo-duro! - xinguei-o.

Choquei-me contra a barriga de Marimba, arremessando-o para trás e batendo, batendo, batendo, batendo com raiva e com medo, quebrando o pau de tanta raiva.

Caí, levantei num fôlego só e corri atrás de minha irmã. Ouvindo gritos e esperando tiros que não aconteceram. Encontrei ela um pouco mais adiante e descemos o resto do caminho preocupados, olhando para os lados e com medo de tudo. Um PM parou a gente perto do DPO e ficou nos medindo com os olhos durante um tempão. Rodeando e assuntando feito cachorro.

- O que houve com ela? - perguntou, apontando para os joelhos e os braços esfolados e manchados de sangue de minha irmã.

- Caí - respondeu ela.

Ele olhou para o alto do morro. O fogo acabara nos dois barracos. O silêncio só era quebrado pelo estrondear interminável dos trovões.

- A coisa tá bem ruim lá em cima, não? - comentou ele.

- Já estive pior - respondi, descendo pra cidade, ainda sem saber para onde ir ou o que fazer, mas, mesmo assim, vivo.

Vivo.

É, vivo.

Já era alguma coisa. Não muito, mas mesmo assim, alguma coisa.

FIM